

[01/02/2010 - Cresce apoio ao aborto legal](#)

Aumentou o percentual de brasileiros favoráveis à legalização do aborto. Segundo pesquisa CNT/Sensus, entre janeiro de 2001 e janeiro de 2010, subiu de 17,7% para 22,7% a taxa dos que são à favor da legalização do aborto.

Acesse a matéria em pdf: [O Estado de S.Paulo, 01/02/10](#)

[07/01/2010 - Aids matou mais que dengue e gripe suína na Bahia](#)

Foco excessivo nas epidemias de dengue e gripe H1N1 deixa para segundo plano campanhas de massa para prevenção de Aids

A Secretaria de Saúde do Estado da Bahia disponibilizou em seu site um banco de informações sobre Aids que indica que em 2009 houve 787 novos casos e 86 mortes por Aids em adultos, destes últimos, 20 só em Salvador. O número de novos casos é 30% menor em relação ao de 2008, que foi de 1.136 casos; mesmo com a baixa, o número de óbitos por Aids é maior do que o de casos de dengue e gripe H1N1 (também conhecida como gripe suína).

Até o final de janeiro o Programa Estadual de DST/Aids deve lançar a campanha de prevenção a doenças no verão e Carnaval. As ações educativas de prevenção de Aids e DSTs serão realizadas não apenas no circuito do Carnaval, mas em aeroportos, rodoviárias e portos, de forma independente à campanha do Ministério da Saúde.

A prevenção de Aids na Bahia contará também com o Bloco da Camisinha, uma iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz, ligada ao Ministério da Saúde. O bloco irá distribuir cerca de 10 mil camisinhas e, por adotar uma política de inclusão social, será aberto a quem quiser participar.

[Leia a matéria publicada em A Tarde, de Salvador.](#)

[29/11/09 - Na contramão da tendência de queda, Aids aumenta entre garotas e](#)

mulheres com mais de 50

Entre os dados divulgados pelo Ministério da Saúde no lançamento do Boletim Epidemiológico 2009, a maior parte dos jornais destacou que a Aids cresce no interior, nas cidades pequenas; alguns veículos noticiaram que os casos da doença estão diminuindo nos centros urbanos; e outros deram ênfase a outros dados impactantes do relatório, como o aumento no número de infecções entre meninas de 13 a 19 anos, em mulheres com mais de 50 anos e em rapazes de 13 a 24 anos que fazem sexo com homens.

Todos os anos, nos dias que antecedem o 1º de Dezembro - Dia Mundial da Aids -, o Programa das Nações Unidas para HIV e Aids (Unaid) e o Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde do Brasil alimentam a imprensa, pesquisadores e pesquisadoras, especialistas e ativistas com farto material de trabalho: os dados mais recentes, que mostram cenários e apontam tendências da epidemia de HIV/Aids no país, na América Latina e no mundo.

Segundo o Unaid, em termos mundiais as infecções caíram 17% de 2000 a 2008. Na contramão, a América Latina registrou um crescimento de 13% na taxa anual de novas infecções.

Cai para quase todos, mas aumenta entre mulheres

No Brasil, na última década, as mortes por Aids em homens caíram e em mulheres mantiveram-se estáveis. A tendência de crescimento da infecção pelo HIV entre mulheres já havia sido destacada no relatório divulgado pelo Unaid: dos 2,7 milhões de novos casos da doença estimados para 2008, 48% foram em mulheres.

E se em termos mundiais as infecções caíram 17% de 2000 a 2008, a América Latina está na contramão, tendo registrado um crescimento de 13% na taxa anual de novas infecções. Em entrevista ao Estado, uma das autoras do relatório do Unaid, Karen Stanecki, atribuiu parte dessa expansão à falta de programas de prevenção dirigidos para homens que fazem sexo com homens. Segundo a especialista, em alguns países 20% dos homens nesse segmento também têm relações com mulheres.

No Brasil, as relações heterossexuais desprotegidas, que eram responsáveis por 88,7% dos casos de Aids entre mulheres, passaram a responder por 96,9% em 2007. Para o Ministério da Saúde, a política de redução de danos tem contribuído para reduzir os casos notificados da doença que têm como meio de infecção o uso de drogas injetáveis. Entre as mulheres, a queda foi maior - de 10,2% (em 1997) para 2,6% (em 2007) - do que entre os homens: de 22,6% para 7,4%, nesse período de dez anos.

Pesquisador contesta interiorização da epidemia

No Brasil, o Ministério da Saúde escolheu como destaque do release de divulgação do Boletim Epidemiológico Aids 2009: "Em queda nos grandes centros urbanos, epidemia cresce no interior do país, em municípios com menos de 50 mil habitantes". Contudo, reportagem do jornal O Estado de S.Paulo, intitulada "Estudo rejeita tese de que Aids avança para o interior" (29/11/09), apurou que outra pesquisa, financiada pelo próprio Ministério da Saúde, mostra que a Aids continua concentrada nos grandes centros urbanos e em locais com Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais elevados.

A pesquisa de Alexandre Grangeiro, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, “mostra que apenas 36 municípios com até 50 mil habitantes apresentaram mais de 50 casos da doença entre 2003 e 2007. E, neste grupo, 35% eram de municípios com características peculiares: abrigavam presídios, estavam encravados em regiões metropolitanas ou em zonas portuárias. Em 67,1% das cidades com até 50 mil municípios, as estatísticas não ultrapassaram 19 casos confirmados num período de cinco anos”, diz a reportagem.

Grangeiro afirma que o Ministério da Saúde já tinha conhecimento dos dados de sua pesquisa. “Não sei o que levou a equipe a desconsiderar os dados da pesquisa e insistir na velha tese da interiorização”, declarou Grangeiro à repórter do Estadão.

Leia essa matéria:

[Estudo rejeita tese de que aids avança para o interior \(O Estado de S.Paulo - 29/11/09\)](#)

Para ampliar e aprofundar estas e outras questões que envolvem a epidemia de Aids entre as mulheres, a Agência Patrícia Galvão sugere à imprensa as seguintes abordagens, com indicação de fontes qualificadas:

- **[Por que a epidemia aumenta entre as mulheres? Existe articulação entre os fenômenos da interiorização e da feminização da Aids no país?](#)**
- **[Enquanto o número de infecções por HIV cai na população em geral, os casos aumentam entre jovens e mulheres com mais de 50 anos. O que elas têm em comum e de diferente?](#)**
- **[Acesso a preservativo feminino daria maior autonomia para as mulheres na prevenção?](#)**
- **[Embora tenha caído mais de 40%, a transmissão vertical do vírus HIV \(de mãe para o bebê\) pode chegar a quase zero. O que ainda falta fazer?](#)**

[26/11/09 - Casos de Aids em mulheres com mais de 50 anos quase dobra em 10 anos](#)

Dados do Boletim Epidemiológico de DST/Aids 2009 divulgados pelo Ministério da Saúde mostram que a incidência de Aids em mulheres acima de 50 anos em 2007 praticamente dobrou em relação a 1997, passando de 5,2 casos por 100 mil habitantes para 9,9 casos em 2007. No mesmo período, a taxa entre homens nessa faixa etária passou de 12 para 18.



Sexo não tem idade pra acabar. Proteção também não.

A campanha de Carnaval 2009 do Ministério da Saúde teve como público prioritário a população feminina com mais de 50 anos. Com o slogan “Sexo não tem idade para acabar. Proteção também não”, o objetivo da campanha é “incentivar a mulher a negociar com o parceiro o uso do preservativo (...) já que a maioria das mulheres nessa faixa etária tem pouco poder decisão em

relação à camisinha”, diz o folder da campanha.

Segundo o Ministério, 96,9% dos novos casos de infecção em 2007 foram causados por sexo sem preservativo. Em 1997, esse índice era de 88,7%.

A reportagem do Portal G1 destacou também outros dados divulgados pelo Programa de Aids do Ministério da Saúde:

Redução da transmissão vertical

Caiu em 41,7% a incidência de casos de Aids em menores de cinco anos, com uma diminuição de quase 70% no coeficiente de mortalidade. Segundo o Ministério da Saúde, isso mostra que o país está conseguindo reduzir os casos de transmissão do vírus da mãe para o bebê.

Aumento da epidemia entre jovens homossexuais

Entre homossexuais com idades de 13 a 24 anos, constatou-se aumento na proporção dos casos registrados, que passaram de 29%, em 1997, para 43,2%, em 2007. Mariângela Simão diz que, segundo os grupos de defesa dos gays, estes jovens não viveram a parte difícil da epidemia. “Ainda morrem 30 pessoas por dia. E essa visão de que Aids tem tratamento pode ser uma informação que leva a um relaxamento da prevenção”, alerta Mariângela.

Mortalidade: queda entre os homens, estabilidade entre mulheres

Os dados do Ministério apontam que o coeficiente de mortalidade tem se mantido estável no país desde 2000, com cerca de seis mortes por 100 mil habitantes. Em números absolutos, houve registro de queda em mortes nos homens e estabilidade nas mulheres.

[Acesse essa matéria em pdf: Portal G1 - 26/11/09](#)

Leia também:

[Desigualdade de gênero e violência deixam mulheres no topo de infectados por HIV, diz ministra \(Terra - 24/11/09\)](#)

[Contágio pelo vírus HIV cai 17% em oito anos, aponta OMS \(Abril - 24/11/09\)](#)

[Número de mortes por Aids cai 10% no mundo \(Jornal do Brasil - 24/11/09\)](#)

[Estudo mostra baixa percepção das mulheres sobre o risco de infecção pelo HIV](#)

Indicação de fontes:

Alexandre Grangeiro - médico e pesquisador

[Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP](#)

São Paulo/SP

(11) 3061-7076

Fala sobre: políticas de Aids; segmentos vulneráveis

Naila Seabra Santos - médica e pesquisadora

[CRT-DST/Aids - Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo](#)

São Paulo/SP

(11) 5087-9911

Fala sobre: saúde pública; políticas de Aids; prevenção, controle, diagnóstico e tratamento

Regina Barbosa - médica e pesquisadora

[Núcleo de Estudos de População da Unicamp](#)

São Paulo/SP

(19) 3521-5907

rbarbosa@nepo.unicamp.br

Fala sobre: saúde coletiva; políticas de Aids; prevenção, controle, diagnóstico e tratamento da Aids entre mulheres

Wilza Villela - médica e pesquisadora da Unifesp

[Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Unifesp](#)

São Paulo/SP

(11) 5572-0609

wilsa.vieira@terra.com.br

Fala sobre: políticas de Aids; vulnerabilidade das mulheres ao HIV; transmissão vertical

25 a 27/11/09 - Aids cresce em meninas de 13 a 19 anos, próximo alvo da campanha de prevenção

Na faixa etária dos 13 aos 19 anos, já são 10 meninas para 8 meninos infectados pelo HIV, enquanto na população em geral a relação é de 15 homens para cada 10 mulheres com a infecção. Segundo o Ministério da Saúde, essa tendência de aumento da epidemia entre as meninas não é nova, vem se mantendo nos últimos dez anos; em outras palavras, desde 1998 há 10 casos em meninas para oito em meninos.



Em 2010, a campanha de prevenção que o governo brasileiro lançará no Carnaval vai falar com as adolescentes, informou Mariângela Simão, coordenadora do Programa de DST/Aids do Ministério da Saúde, no evento de divulgação dos dados mais recentes de seu Boletim Epidemiológico.

Cresce entre meninas e diminui entre meninos

O relatório do Programa de Aids informa que, em 2007, foram registrados 315 casos novos de Aids entre garotas de 13 a 19 anos e em 235 meninos nessa faixa etária. A taxa de meninas infectadas cresceu de 2,3 por 100 mil habitantes em 1997 para 2,7 em 2007. Entre meninos, houve uma redução, de 2,2 para 1,9.

Segundo a diretora do Departamento Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, Mariângela Simão, as garotas têm pouco poder de negociação para conseguir que os parceiros usem preservativo. “Nessa faixa etária, quem determina sobre o uso do preservativo é o menino. As meninas têm dificuldade de sair para uma balada e levar o preservativo, exigir do parceiro”, afirma Mariângela.

Quem ama não precisa de camisinha?

Pesquisa do Ministério da Saúde realizada com estudantes entre 2006 e 2007 mostrou que, quando questionadas sobre o motivo de não usar o preservativo na última relação sexual, a primeira razão que as meninas apontaram foi a confiança no parceiro, enquanto entre os meninos somente 7% apontaram esse motivo.

Como interpretar esses dados?

A Agência Patrícia Galvão preparou essas e outras sugestões de pautas que envolvem as mulheres e o HIV/Aids, com abordagens diferenciadas e indicação de fontes qualificadas:

Enquanto o número de infecções por HIV cai na população em geral, os casos aumentam entre jovens e mulheres com mais de 50 anos.

O que elas têm em comum? Mais dificuldade para negociar o uso do preservativo com seus parceiros, dizem os especialistas. O que faz parte dessa negociação? O que as garotas e as mulheres acima dos 50 priorizam no diálogo com os parceiros? A prevenção é tema de conversa? As garotas conversam sobre o uso da camisinha? Qual a reação dos parceiros? Ou a dificuldade está em manifestar claramente que quer ter uma relação protegida?

O que é “negociar” o uso do preservativo? E como é para as garotas?

O que cada uma das partes tem para negociar? Se por razões culturais as garotas ainda estão menos acostumadas a ouvir e a falar de maneira livre e direta sobre sexo, elas terão maior dificuldade para assumir um papel ativo em qualquer tipo de negociação.

Acesse essas matérias em pdf: [O Estado de S.Paulo - 25/11/09](#) e [Folha de S.Paulo - 27/11/09](#)

Veja também o [Boletim Epidemiológico 2009 \(Ministério da Saúde - 25/11/09\)](#)

Indicação de fontes:

Cristina Pimenta - psicóloga e coordenadora da ABIA

[Abia - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids](#)

Rio de Janeiro/RJ

(21) 2223-1040

cpimenta@abi aids.org.br

Fala sobre: direitos dos/as soropositivos; políticas para prevenção e tratamento

Regina Barbosa - médica e pesquisadora

[Núcleo de Estudos de População da Unicamp](#)

São Paulo/SP

(19) 3521-5907

rbarbosa@nepo.unicamp.br

Fala sobre: saúde coletiva; políticas de Aids; prevenção, controle, diagnóstico e tratamento da Aids entre mulheres

Mafoane Odara Poli Santos - psicóloga e pesquisadora do Nepaids

[Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids \(Nepaids\) do Instituto de Psicologia da USP](#)

São Paulo/SP

(11) 3061-0620

Fala sobre: juventude, sexualidade e relações sexuais

Vera Paiva - psicóloga e pesquisadora do Nepaids

[Núcleo de Estudos para a Prevenção da Aids \(Nepaids\) do Instituto de Psicologia da USP](#)

São Paulo/SP

(11) 3091-4184

Fala sobre: sexualidade; prevenção, direito de ter filhos; atenção psicossocial

Wilza Villela - médica e pesquisadora da Unifesp

[Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Unifesp](#)

São Paulo/SP

11 5572-0609

wilsa.vieira@terra.com.br

Fala sobre: políticas de Aids; vulnerabilidade das mulheres ao HIV

**09/11/09 - Meio milhão de mulheres
morrerão de Aids neste ano, diz OMS**



Relatório divulgado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) prevê que

neste ano meio milhão de mulheres morrerão de Aids, outro meio milhão de tuberculose, e outras 500 mil por causas relacionadas à gravidez e ao parto por falta de assistência.

Apresentado pela OMS em 09/11/09, o relatório indica as necessidades de saúde das mulheres e mostra como a desigualdade social entre os sexos é tão grande que as comprovadas vantagens biológicas e de comportamento das mulheres não são suficientes para garantir uma vida mais saudável e longa. Segundo a pesquisa, as mulheres enfrentam muito mais dificuldades que os homens para se curar de doenças devido às desigualdades nas áreas de educação, renda e emprego. O relatório aponta a contradição: embora as mulheres contribuam enormemente para melhorar a saúde da sociedade, como cuidadoras principais das famílias, os sistemas de saúde não atendem as suas necessidades.

Segundo a OMS, a Aids é a primeira entre as causas de morte entre mulheres em idade reprodutiva no mundo e as complicações durante a gravidez e no parto são o principal fator de risco de morte em mulheres entre 15 e 19 anos. O relatório mostra a relação entre pobreza e acesso à saúde: 90% dessas mortes ocorrem em países em desenvolvimento.

O relatório destaca que as meninas e as mulheres são particularmente vulneráveis à infecção pelo HIV devido a uma combinação de fatores biológicos e desigualdades de gênero, que envolvem desde o desconhecimento sobre o vírus até sua capacidade ter relações sexuais sem risco. Segundo a pesquisa da OMS, a violência sexual é outro fator de risco para a saúde das mulheres.

Acesse a matéria em pdf: [Portal G1 - 091109](#)

Indicação de fontes:

Ana Cristina Tanaka - médica e profa.

Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP
São Paulo/SP

(11) 3061-7128 / 3061-7721

acdatana@usp.br

Fala sobre: saúde pública; saúde da gestante; morte materna; índices de mortalidade materna

Regina Barbosa - médica e pesquisadora do Nepo/Unicamp

[CRT-DST/Aids - Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo](#)

São Paulo/SP

(19) 3788-5898 / 3788-5890

rbarbosa@nepo.unicamp.br

Fala sobre: saúde coletiva; políticas de Aids; prevenção, controle, diagnóstico e tratamento da Aids entre mulheres

Télia Negrão - jornalista e secretária executiva da Rede Feminista de Saúde

[Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos](#)

Porto Alegre/RS

(51) 9984-1553

teliabr@gmail.com

Fala sobre: direitos sexuais e direitos reprodutivos

Wilza Villela - médica e pesquisadora

[Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Unifesp](#)

São Paulo/SP

(11) 5572-0609

wilsa.vieira@terra.com.br

Fala sobre: direitos sexuais; maternidade voluntária

Contextos de Vulnerabilidade para o HIV entre Mulheres Brasileiras - 2009

Entre os principais achados desse estudo, realizado por uma equipe de pesquisadores de diversas instituições - CRTDST/Aids da Secretaria de Estado da Saúde (SP), Nepo/Unicamp, ENSP/Fiocruz, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Unifesp e Universidade de Franca -, está a baixa percepção das mulheres sobre o risco de infecção pelo HIV.

Os pesquisadores analisaram comparativamente 3.822 mulheres com mais de 17 anos, em 13 municípios, divididas em dois grupos: 1.777 mulheres com diagnóstico positivo para HIV e

2.045 usuárias de serviços públicos de saúde da mulher sem diagnóstico conhecido para o HIV.

Mais da metade das mulheres analisadas conheceu seu status sorológico em decorrência do diagnóstico de Aids no companheiro, nela própria ou em um filho, 30% realizaram o teste a pedido do profissional do serviço de saúde e apenas 12,7% fizeram o teste por iniciativa própria.

Comparando os dois grupos, os estudiosos constataram que as mulheres que já tinham diagnóstico de HIV/Aids não tiveram um número de parceiros significativamente diferente do que aquelas sem diagnóstico de HIV/Aids. No entanto, as mulheres soropositivas apresentaram: início da vida sexual mais precoce, menor uso de preservativos e uma maior proporção de uso de drogas, ocorrência de DSTs e de violência sexual.

Os pesquisadores concluíram que as estratégias de prevenção devem focar o fortalecimento das mulheres e não apenas seus comportamentos individuais.

[Acesse mais informações sobre essa pesquisa.](#)

[Vai pensando aí](#)

A campanha **Criminalizar o aborto resolve? Vai pensando aí** é uma iniciativa do Ipas Brasil para promover o debate sobre a lei penal que criminaliza o aborto no país.



[Pesquisa Mulheres e Aids \(2003\)](#)

(Agência Patrícia Galvão) De uma lista de questões da agenda dos movimentos de mulheres, 29% dos entrevistados apontaram a Aids como um dos problemas que mais preocupam a brasileira e 19% indicaram “o crescimento da epidemia entre mulheres”.

Trata-se de uma pesquisa inédita sobre mulheres e Aids encomendada pelo Instituto Patrícia Galvão ao Ibope em 2003, e realizada com o apoio do Unifem (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher).

Na percepção dos entrevistados, há questões mais preocupantes do que a Aids, como o câncer de útero e mama, mencionado por 48%, e o problema da violência doméstica, que é destacado

por 46%. Estes dois últimos temas, que estão em evidência entre as preocupações atuais dos pesquisados, têm estado presentes na mídia de forma contínua, tanto no noticiário e em campanhas publicitárias, como em tramas de novelas televisivas de grande audiência.

No caso do HIV e da Aids, é possível que essa questão esteja sendo percebida pela população como um problema melhor equacionado, devido à política de distribuição gratuita de medicamentos. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a comunicação do tema, através de campanhas em veículos de massa, tem sido esporádica e pouco sustentada, ficando restrita principalmente ao período do Carnaval.

Segundo essa pesquisa, o aumento da Aids no país não alterou o comportamento de 41% dos homens e de 52% das mulheres. O aspecto que mais mudou - e para os dois sexos - foi a estratégia de reduzir o número de parceiros ou manter parcerias sexuais exclusivas, ou ainda exigir fidelidade. Pelo menos um destes três aspectos é mencionado por 38% dos entrevistados - 42% entre os homens e 32% entre as mulheres.

Apesar de o uso da camisinha ser a recomendação mais fortemente difundida em campanhas educativas, o preservativo é adotado apenas por 28% dos entrevistados - 36% dos homens declaram que passaram a usar camisinha, enquanto apenas 19% das mulheres o fizeram.

[Acesse o relatório da pesquisa.](#)

[**Pesquisa Ibope / Instituto Avon, 2009**](#)

Diante de uma lista de problemas, 51% dos entrevistados consideram que o aumento dos casos de Aids entre mulheres é o que mais preocupa as brasileiras, só perdendo para a violência doméstica (56%).

Na pesquisa Ibope / Instituto Patrícia Galvão realizada em 2006, esse índice era de 30%, e em 2004, 26%.

O resultado merece melhor análise e atenção de especialistas e dos movimentos sociais. Enquanto a violência contra a mulher vem ganhando visibilidade - especialmente por conta da Lei Maria da Penha e dos casos destacados pela imprensa -, a Aids vem perdendo espaço na mídia. Mesmo os números divulgados pelo Ministério da Saúde alertando para o aumento das infecções pelo HIV entre mulheres não têm tido ressonância nos meios de comunicação que justificam essa preocupação.

[Acesse o relatório da pesquisa.](#)